

tradução portuguesa



MISSAO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÉGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

"NECESSIDADES BÁSICAS"

tradução portuguesa

Fundação Cuidar o Futuro





MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÉGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

O poder político tem necessariamente de fazer face a duas decisões fundamentais : 1) como e onde criar riqueza ou acumular o capital; 2) que utilização dar à mais valia gerada pela acumulação do capital.

No início da revolução de 25 de Abril, o programa do M.F.A., que então servia de plataforma de acordo para todas as forças intervenientes no processo, tornava essas duas decisões imperativas ao dizer que era necessário definir novas políticas económica e social.

Passados 4 anos sobre a revolução é legítimo perguntarmo-nos se enquanto povo reflectimos suficientemente sobre as questões que permitiriam ao poder político tomar sem equívoco as decisões coerentes com esse programa nos dois grandes domínios indicados.

A Constituição é sem dúvida um marco importante, guia ou bússola, a orientar essas decisões. Mas, como todos os textos legais, incarna numa situação dada e é susceptível do enriquecimento e da concretização que cada momento histórico traz consigo.

Na actual situação portuguesa, considero indispensável situar essas decisões no eixo das grandes linhas que internacionalmente vêm sido esboçadas desde que a chamada "crise de energia" revelou a impossibilidade de manter a actual relação de forças.

A nova ordem internacional é conceptualmente hoje um dado adquirido ainda que seja lícito levantar numerosas questões quanto aos meios para a realizar.



S



R

MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1. VILLA DE SÉGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

O desenvolvimento endógeno, com o acento posto na identidade cultural de cada povo, na necessidade de procura de tecnologias apropriadas mais do que de correctivos às transferências de tecnologia, é por seu turno uma trave mestra da orientação a seguir por cada país e a garantia de que uma nova ordem no plano mundial só será estabelecida quando cada cultura for inteiramente respeitada.

Nos últimos anos, intervém em algumas agências das Nações Unidas o conceito de "necessidades básicas" que, pela controvérsia que provoca, merece uma reflexão que analise a sua utilidade quer para a definição das prioridades no processo de desenvolvimento endógeno quer para o estabelecimento realista de metas que estruturem a nova ordem internacional.

Proponho-me esboçar a génese do conceito de "necessidades básicas" e tentar desfazer alguns equívocos sub-jacentes à crítica que lhe é feita.

I - GÉNESE DO CONCEITO DE "NECESSIDADES BÁSICAS"

A noção de "necessidades básicas" nasce em dois planos : no plano internacional como uma nova tentativa de dar forma a uma nova relação de forças; no plano nacional como uma apreciação mais realista das políticas sociais globais.

1. No plano internacional, decorre desde 1975 (ano da avaliação da estratégia da II Década do Desenvolvimento, então a meio caminho) a verificação cada vez mais generalizada do fracasso das duas Décadas do Desenvolvimento lançadas e votadas pela comunidade das nações através da O.N.U.



S



R

MISSAO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÉCUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

Que elementos negativos continham essas estratégias ?

Tratava-se, em primeiro lugar, de estratégias globalisantes e, por isso, mesmo, portadoras de um paradoxo interno : um idealismo moralista, por um lado, e uma tendência redutora dos objectivos ao menor denominador comum, por outro lado. Eram necessariamente estratégias de homogeneização, alienadoras dos factores geopolíticos sempre variáveis no espaço e no tempo.

Em segundo lugar, eram estratégias concebidas predominantemente em termos quantitativos em que apenas dois ou três parágrafos enxertados timidamente na estratégia da II Década do Desenvolvimento apontavam para factores de ordem qualitativa.

Submetidos inteiramente ao mito prometeico dos tempos modernos, eram um símbolo do credo intocável do crescimento. Mais ainda, tratava-se de um crescimento voluntarista, fruto dos esforços aritméticos e cumulativos dos homens e das nações.

Ora, mesmo se à partida a noção de "necessidades básicas" quando começou a ser utilizada no plano internacional, era ainda portadora de elementos residuais da ideologia do crescimento (a referência ao "pleno emprego", na Conferência Mundial do Emprego em 1976, onde a noção de "necessidades básicas" ficou consagrada, é a meu ver um exemplo desse resíduo), ainda assim a noção de "necessidades básicas" parece fazer apelo a estratégias diversificadas, portanto mais realistas e mais capazes de respeitarem as condições de cada sociedade ou região. Em vez de anularem os factores de diversidade numa tentativa de globalização, as "necessidades básicas" contêm em si mesmas, por definição, uma diferenciação em que se traduz o facto de cada homem concreto ser sujeito da transformação social porque





MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÉGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

é ele que sente e exprime as suas "necessidades básicas". Por isso, o conceito (e a satisfação) das "necessidades básicas" introduzem um vector qualitativo indispensável à reformulação da estratégia de desenvolvimento. Um tal vector opõe-se frontalmente aos mitos exclusivos do crescimento porque implica à partida a referência a valores espirituais, que têm que ver com a raiz mesma da vida humana, pertencentes à zona do simbolismo primordial do ser humano.

2. No plano nacional, as "necessidades básicas" parecem surgir como conceito operacional a superar o duplo fracasso das políticas sociais.

Por um lado, nos países altamente industrializados sobem exponencialmente os recursos atribuídos à resposta aos direitos sociais, sendo exemplos flagrantemente a saúde e a educação, sem que isso signifique uma alteração radical da qualidade de vida. Vemos que a ideologia do crescimento, conduzida ao seu paroxismo, não tem no termo nem a alegria nem a felicidade.

Por outro lado, os países ditos em desenvolvimento têm dificuldades praticamente intransponíveis para poderem levar à satisfação os direitos sociais das populações. Na maior parte das políticas sociais, tais direitos traduzem-se quer em correctivos dos desequilíbrios económicos quer em factores considerados extra-políticos, porque condicionados pelas exigências da economia que ocupa todo o campo de decisão do poder político. Os planos de desenvolvimento a nível nacional sofrem do paradoxal estrangulamento provocado pela prioridade absoluta dada aos factores económicos.





MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÉGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

Muitas vezes, como é óbvio, um tal estrangulamento não decorre apenas duma planificação excessivamente "materialista" (porque demasiado econométrica) feita dentro do próprio país, mas principalmente das imposições, condicionamentos e cláusulas que acompanham as acções de ordem económica e financeira feitas por agências de financiamento, sob o título (inconscientemente cínico) de "ajuda ao desenvolvimento"...

É, no entanto, importante fazer notar

Tais condicionamentos são possíveis, no entanto, pela cumplicidade existente dentro dos próprios países em desenvolvimento. Os grupos dirigentes da grande maioria dos países em desenvolvimento interiorizaram os valores e as opções inerentes à ideologia do crescimento. Daí a sua incapacidade manifesta de procurar e tentar outras vias.

De forma subtil e sem que isso corresponda a uma vontade deliberada, os grupos dirigentes afastam-se das grandes massas da população. O afastamento é tanto mais pronunciado quanto mais a sua formação juridico-política os conduz a transformar mentalmente as massas populares em entidades abstractas, sujeitos remotos de um certo número de direitos.

É aqui que a intervenção do conceito de "necessidades básicas" pode ser decisiva. Trata-se de um conceito que impede a descolagem do real concreto. Em termos do direito global e universal, é sempre possível retardar a sua concessão ou po-lo entre parêntesis. Mas parece impossível não ouvir a linguagem específica, particularizada e vivida das "necessidades básicas" experimentadas pelas pessoas. Qual será o Governo que encontre a seus próprios olhos justificação para não responder às "necessidades básicas" ?





MISSAO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO
1, VILLA DE SÉUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

Não poderá escapar a tal resposta senão por duas formas :

- a aceitação da rotura entre a minoria que detém o poder (e tudo o que o poder traz consigo) e a maioria que não chega sequer a aceder ao limiar de uma vida que se possa considerar humana;
- a obediência ao fatalismo cada vez mais intenso das imposições internacionais.

Uma ou outra via, ambas baseadas na injustiça, postulam a priori o fracasso de uma nova ordem internacional. Daí, a redobrada importância de uma resposta política sem equívoco às "necessidades básicas".

II - CONTRADIÇÕES APARENTES DAS "NECESSIDADES BÁSICAS"

Vou tentar recapitular as principais limitações ou mesmo contradições que se atribuem hoje ao conceito de "necessidades básicas".

1. As "necessidades básicas" são criticadas como "elementos redutores do desenvolvimento".

Parece-me difícil sustentar uma tal tese, no contexto do fracasso das estratégias dominantes em desenvolvimento. De facto, em 20 anos de elaboração de tais estratégias, tendo-se atribuído aos países em desenvolvimento uma taxa global de crescimento do PNB de 5% nos anos 60 e de 6% nos anos 70, verifica-se cada vez com maior clareza que não só não se atingiram tais taxas como (facto ainda mais alarmante) as taxas de crescimento vêm a diminuir desde 1974 em cada ano para esses países.





MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO
1, VILLA DE SÈGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

Onde estão então os factores "redutores do desenvolvimento ? Não pesa sobre as estratégias utilizadas a sombra esmagadora de uma inevitável redução ? Por que razão atribuir às metas mínimas de satisfação das "necessidades básicas" uma característica conjuntural redutora - o tempo necessário para atingir o patamar mínimo em cada sector da vida humana - do desenvolvimento quando as estratégias em curso se revelam como sendo estruturalmente redutoras ?

Talvez haja uma razão que funciona a um tempo no plano nacional e no plano internacional... É que os patamares mínimos de satisfação das "necessidades básicas" de todos implicariam imediatamente a diminuição da taxa de crescimento de alguns poucos... Será nesse sentido que se fala de "elemento redutor" ??

Uma outra reflexão poderia ter lugar aqui, ligada, essa, ao modelo de sociedade. Mesmo se, no limite e em virtude de uma certa ponderação das diferentes "necessidades básicas", a sua satisfação abrigasse a reduzir o campo de opções do desenvolvimento, seria difícil determinar qual a escala que levaria a considerar tais opções como redutoras... A menos que o modelo dominante fosse o do hemisfério Norte e que a redução se operasse em relação a esse modelo...

2. Utilizei a expressão de "metas mínimas". Ora nessa expressão vem embater uma outra crítica à noção de "necessidades básicas" que receia que as metas mínimas se tornem patamares a atingir e que os pobres aí sejam indefinidamente mantidos.



S



R

MISSAO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÈGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

A tal crítica começo por perguntar : será que tais patamares não existem hoje ? Não é pelo facto de se indicarem metas mínimas que tais patamares seriam "decretados". Se nos vemos obrigados a falar de metas mínimas é precisamente porque existem patamares que são infra-humanos. Não fazemos senão pôr a nú uma situação de injustiça que existe aquém de toda a reflexão conceptual.

Mais : o que é que nos leva a imaginar que, uma vez atingidas as metas mínimas, os mais desfavorecidos (homens e grupos, regiões e países) se manteriam aí ? Quem pode dizer, adivinhar, supor hoje e nas condições actuais a capacidade de vigor, de empenhamento, de trabalho, de luta, daqueles que hoje não têm sequer uma vida humana ?

Fundação Cuidar o Futuro

3. Receiam outros que a formulação de estratégias de desenvolvimento com a inclusão do conceito de "necessidades básicas" seja o reflexo de um paternalismo escondido dos ricos em relação aos pobres.

Ora vale a pena perguntar de novo onde se situa o paternalismo que rejeitamos : na procura conjunta de soluções para 4/5 da humanidade ou na persistência de condições de "ajuda ao desenvolvimento" que, como tem sido amplamente provado, apenas "ajuda" os ricos ?

O sentimento (porque o há) que está em causa na noção de "necessidades básicas" tem raízes numa expressão de solidariedade que se quer mais profunda e mais empenhada. Essa atitude considerada generosa - e por isso objecto da crítica tecnocrática - é apenas a leitura moral que essa mesma crítica, fruto da civilização em que vivemos, faz de uma questão que é essencialmente uma questão de estrutura.



S



R

MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÉGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

A nível nacional, trata-se de uma empresa comum, de uma responsabilidade mútua, actuante já em alguns, virtual e possível em todos os outros.

A nível internacional, a ética da solidariedade gerará uma nova estrutura planetária. Quem ousará classificá-la de paternalista? Uma tal estrutura será o suporte directo do estabelecimento de uma nova ordem internacional.

O paternalismo fica automaticamente excluído ~~ou~~ ~~se~~ simultaneamente o poder de decisão deixar de se concentrar unicamente no topo da pirâmide política da representatividade popular.

Quando se atribui poder de decisão para as "necessidades básicas" ao círculo delimitado pelas fronteiras naturais da vida de cada homem, quer dizer quando, através da descentralização autêntica o poder de decisão está nas comunidades de interesses e afectos, é legítimo perguntar se as "metas mínimas" não acabam por se situar dentro de uma gama muito próxima para todos os homens, onde e como quer que vivam. Nessa perspectiva, não há sequer lugar para falar de paternalismo, uma vez que os patamares a atingir nascem das pessoas associadas naturalmente e não de gabinetes ou estruturas que artificialmente nelas pensam.

4. A noção de "necessidades básicas" é também acusada de demasiado materialista, surgindo, por isso, em alguns sectores a preocupação de lhe dar um conteúdo que abarque elementos de ordem nitidamente espiritual.



.../...



MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÉGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

Preocupação compreensível esta, mas extremamente perigosa para a própria operacionalidade do conceito.

Por um lado, nela surge, por outra via, a tendência globalisante que denunciei no início. Tendo-se revelado inadequado o envolvente gerado pela ideologia do crescimento, as "necessidades básicas" tornam-se facilmente o seu sucedâneo, nelas tentando tudo incluir desde a alimentação à liberdade de expressão ou à alegria...

Se o homem é feito para a felicidade, ela não é um dado mas a expressão última da dialéctica entre o seu condicionamento e a sua liberdade. O homem encontra, constroi, descobre a felicidade à sua própria custa, assumindo o seu destino, recapitulando os acontecimentos na adesão do coração, sendo livre. Mas para ser livre é preciso que possua as condições mínimas para ter uma vida humana. As "necessidades básicas" aparecem assim como claramente parcelares, fragmentadas, de certo modo prévias ao destino espiritual do homem.

Parece-me, no entanto, que não é no que acabo de dizer que se encontra a razão mais profunda da necessidade de "espiritualização" das "necessidades básicas". Um factor inconsciente desempenha, a meu ver, um papel importante : como podem aqueles que ultrapassaram largamente a satisfação das suas "necessidades básicas" reconhecerem que o fazem, na actual ordem das coisas, a expensas das gritantes "necessidades básicas" de outros homens que são, de facto, a maioria? Tal é a situação da minoria dirigente de cada país, tal é a relação das sociedades ricas e altamente industrializadas com o resto do mundo.



.../...

S



R

MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÈGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

Reconheço, é certo, que a formulação das "necessidades básicas" pode aparecer como uma resposta à sociedade em termos excessivamente materialistas. Assim é se tal formulação se tornar um objectivo em si mesma. Mas a formulação das "necessidades básicas" não pode nunca desligar-se de uma estratégia mais ampla de desenvolvimento, da busca de um reordenamento mais justo entre pessoas, grupos e nações. Nesse enquadramento, a formulação das "necessidades básicas" incarna, em meu entender, uma expressão viável de idealismo dinâmico e motivador e, assim, da força espiritual capaz de mobilizar os homens para responderem desde já às necessidades cuja não-satisfação constitui o preço que outros pagam pela nossa própria satisfação.

5. A crítica às "necessidades básicas" e ao estabelecimento de metas mínimas mais ou menos universais envolve ainda a convicção de que se compromete, por esta via, a noção de desenvolvimento endógeno.

Tal crítica merece ser analisada porque o desenvolvimento endógeno é uma ideia/acção de carácter crucial. A cultura é encarada como o motor do desenvolvimento e a identidade cultural articula-se, no seu desenrolar, com as outras dimensões do desenvolvimento global.

Apesar disso, parece-me que negar a perspectiva das "necessidades básicas" para salvaguardar a identidade cultural é um logro de graves consequências. Pela simples razão de que não há culturas em estado puro, não existe uma qualquer identidade cultural preservada num museu e que uma colher de arroz ou um bocado de pão arruinariam definitivamente. Bem mais directo é o desgaste trazido pela tecnologia do mundo altamente industrializado - ao invadir todo o espaço da vida humana, não deixa lugar para que se revele a cultura, para que prossiga qualquer esboço de desenvolvimento endógeno ou





MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO
1, VILLA DE SÉGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

para que se mantenha a autonomia cultural e socio-política.

Ao contrário de um suposto antagonismo entre as "necessidades básicas" e o desenvolvimento endógeno, é uma convergência que é legítimo esperar. A satisfação das "necessidades básicas" é talvez na maioria das sociedades a porta estreita por onde se entra no edifício ainda hermético do desenvolvimento endógeno.

O desenvolvimento endógeno não tem conteúdo real nem clareza de contornos senão a partir de um certo patamar de individualidade, de identidade pessoal. Ora, a identidade cultural é uma consciência humana colectiva e não é um sítio arqueológico.

Parecer-me-ia contrário a toda a ética sacrificar a uma ideia - por mais rica de virtualidades que fosse - os homens de hoje. O desenvolvimento endógeno faz-se com homens vivos e não com "cadáveres adiados".

5. Pretende ainda a crítica das "necessidades básicas" opo-las às estratégias necessárias para o estabelecimento de uma nova ordem internacional.

Ora importa que se sublinhe um facto. A satisfação das "necessidades básicas" contribui para o estabelecimento de uma nova ordem mas fá-lo por um salto no desconhecido.

... Milhões de pessoas sub-alimentadas que poderão trabalhar - para onde se deslocará a divisão internacional do trabalho, com a corte de escravos em que todos repousamos ?





MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÈGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

... Uma mortalidade muito menor e uma força humana capaz de agarrar a História como agarra as ferramentas.

... Mais de 800 milhões de pessoas a aprenderem a ler e a escrever e assim a situarem-se criticamente na História.

Que imensa transformação! Tão grande que é praticamente impossível prever a que tipo de sociedade a satisfação das "necessidades básicas" nos vai conduzir. Mas o projecto de sociedade não pode sobrepor-se ao destino dos homens concretos que hoje vivem. É uma evidência a nível nacional na definição dos programas de governo. É ainda mais verdadeiro a nível internacional. A nova ordem que todos desejamos tem que ser definida pela prática coerente e perseverante. Quem dela terá medo?

Fundação Cuidar o Futuro
Talvez inconscientemente o receio desse futuro ainda desconhecido e dificilmente previsível esteja ligado à nova relação de forças que decorrerá inevitavelmente da integração do conceito de "necessidades básicas" na estratégia do desenvolvimento endógeno.

Fundamentalmente o que me parece importante aceitar é que no seio das estratégias de desenvolvimento definidas de forma "clássica" há lugar para "sub-sistemas" definidos de forma quase universal e sem que despertem qualquer suspeita de ingerência nas questões internas de cada país.

Porque as estratégias das 2 Décadas do Desenvolvimento foram de facto justaposição de indicações para estratégias nacionais enquanto a estratégia para a nova ordem supõe toda uma reorganização das relações internacionais.



.../...



MISSÃO PERMANENTE DE PORTUGAL
JUNTO DA UNESCO

1, VILLA DE SÉGUR - PARIS VII
TÉL. 734.00.66 - 734.02.36

Para dar vida e substância a uma estratégia para uma nova ordem internacional é preciso que se realizem simultaneamente duas condições :

- que se reforcem todas as estratégias nacionais, necessariamente diversificadas, que possam contribuir para um novo tipo de relações;
- e que se assumam certos problemas definidos internacionalmente enquanto "necessidades básicas" como uma responsabilidade colectiva.

Neste contexto, poder-se-á pensar simultaneamente em estratégias globalisantes delineadas através da acção normativa da O.N.U? nas diferentes áreas de problemas cobertas pelas "necessidades básicas" (e que cada país seguirá de acordo com as suas prioridades internas) e estratégias não globalisantes que se estabeleçam como metas no tempo para acções directas da comunidade internacional agindo enquanto tal.

